

Objeto e definição da filosofia [segundo Louis Lavelle]

Jean École

De: *Louis Lavelle et le Renouveau de la Métaphysique de l'Être au XXe. Siècle*, Hildesheim-Zurich, Georg Olms Verlag, 1997, pp. 53-56. Traduzido por Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a difusão por quaisquer meios.

... 2. Ele explicou-se muitas vezes [a esse respeito] no curso da sua obra, Segundo ele, “a filosofia não possui um prestígio sobre todos os espíritos senão porque ela nos promete uma explicação total do universo”, e ele explica que ela chega a isso atendo-se a esclarecer “o que somos e o que fazemos no mundo, qual o destino que nos é proposto e como depende de nós realizá-lo ou frustrá-lo”; o que a leva a fazer-nos remontar à fonte tocante do nosso ser individual e secreto que busca sempre, dizia Kierkegaard, “sua relação absoluta com o absoluto”. Pois, insiste ele, o que pedimos [à filosofia], o que ela nos promete, é fazer-nos sentir essa presença do Absoluto que transfigura o acontecimento mais humilde da vida e lhe dá, por assim dizer, um pano-de-fundo sem limites”.

Dito de outro modo, a filosofia “não é nada mais que uma reflexão do homem sobre a sua condição”, ou, se preferem, “a consciência que ele toma de si mesmo..., do mundo em que está arraigado e do destino ao qual é chamado”. Por isso, ninguém pode permanecer-lhe estranho. Daí esta declaração: “A filosofia poderia ser justamente chamada, se a palavra ciência pudesse lhe convir ainda, a ciência da consciência, por oposição a todas as ciências que tratam dos objetos”.

3. Portanto não é possível confundir a filosofia com as ciências das quais se pode notar que ele as caracteriza de modo geral como voltadas às coisas que se situam no espaço, tal como elas nos aparecem, e interessadas, portanto, somente nos fenômenos, ainda que forneçam deles uma representação abstrata e esquemática.

No entanto, não se segue que se possa separá-la completamente delas. Pois, segundo ele, “cabe à filosofia mostrar como nascem diante de nós todas as aparências que... [as ciências] estudam e como elas podem conseguir estabelecer entre si ligações abstratas pelas quais nossa consciência um domínio sobre um mundo que lhe é, desde logo, estranho, mas do qual ela sempre faz o veículo do seu destino”. Todavia, acrescenta ele, nem por esse fato as ciências desfrutam de um papel privilegiado, e o filósofo deve levar em conta “com um mesmo olhar a arte, a moral e a religião”, que são, com a política, que às vezes ele lhes acrescenta, outras tantas atividades da consciência graças às quais o homem se realiza. Ora, isso resulta em dizer que a filosofia estuda o espírito na totalidade das suas operações e não somente naquelas pelas quais ele conhece as coisas”. Por isso ele pode afirmar ainda que ela tem por característica própria “ser uma meditação do espírito sobre ele mesmo”.

4. Assim, portanto, o objeto da filosofia não é tanto constituído por aquilo que se oferece ao conhecimento do sujeito quanto pelo sujeito mesmo, ou, se quiserem, pela subjetividade. Esse é um Leitmotiv ao qual Lavelle, a partir de *De l'Acte*, voltou com frequência, não perdendo uma ocasião de denunciar a posição daqueles que buscam o ser

verdadeiro no lado dos objetos e não no sujeito, isto é, na consciência. Ele chega mesmo a pretender que “a vida filosófica e a vida do espírito começam no momento em que realizo essa conversão difícil, pela qual, cessando de chamar ‘ser’ àquilo que me joga para fora de mim como objeto, chamo ‘ser’ àquilo de que participo desde dentro, isto é, àquela subjetividade que me permite dizer ‘eu’”.

5. Por isso a filosofia não tem nada a ver com um saber que pudesse se adquirir e se transmitir de um espírito a outro como “um bem anônimo”. Por ter como objeto o nosso ser mesmo, ela tem, bem ao contrário, “um caráter inevitavelmente pessoal” e não pode, em consequência, consistir num puro jogo de conceitos. E porque ainda ela nos engaja na realização de nós mesmos, segue-se que ela não é somente especulativa ou teórica, e isto é o que a aparenta à sabedoria, “na qual a teoria e a prática cessam de se distinguir”.